



H0773

A SENSIBILIDADE E A NATUREZA COMO PAR MOTRIZ NA LITERATURA E NA FILOSOFIA: DE GUIMARÃES ROSA A MERLEAU-PONTY

Marcos Roberto Grassi e Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber (Orientadora), Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, UNICAMP

É notável em Merleau-Ponty um esforço em construir um novo sentido para a noção de “natureza” – para além do pensamento clássico - como manifestação exemplar e primordial de nossa experiência existencial; a natureza como gênese da percepção, como uma via carnal da sensibilidade, através da qual a reflexão se constitui. Merleau-Ponty, ao falar do ‘Ser Sensível’ e seus desdobramentos perceptivos/existenciais/filosóficos, reconhece a experiência de um ‘despertar sensível’, onde a natureza funciona como infra-estrutura, como passagem. Sendo assim, o desafio do presente trabalho é o de apontar *Grande Sertão: Veredas* como “local” privilegiado onde podemos acompanhar o despertar sensível sob dois pontos de vista: 1 – Através de uma reencenação da gênese do pensamento por meio do contato com a natureza (ser selvagem/primordial), o qual, segundo Merleau-Ponty, leva à apreensão sensível, anterior a qualquer lógica ou pensamento. Tal relação é trabalhada no romance a partir das personagens Riobaldo e Diadorim – este(a) passa a despertar em Riobaldo, antes mesmo do amor incompreendido, uma atenção para coisas da natureza, fatos e relações anteriormente não percebidas, etapa primeira (por isso gênese) de toda uma série de questionamentos existenciais que acompanharão Riobaldo por toda sua vida; 2 – Como obra literária, *Grande Sertão: Veredas* nos oferece uma filosofia latente, não sob o ponto de vista de um escrito filosófico, mas como ficção que poderá despertar sensivelmente (transformar) aquele que lê, a partir de uma transformação em curso (a de Riobaldo), reforçando a tese da enorme importância da leitura como processo de experiência e formação.

Literatura - Filosofia - Estética